

Fé e Ciência em Busca da Verdade:
Alexandre Schlegel

O objetivo maior é conscientizar, não direcionar.

Quem sou eu? De onde eu vim? Para onde eu vou?

Qual o objetivo da minha vida?

Essas perguntas deram o início aos meus estudos. Neste sentido, este é o primeiro de outros livros resultantes de uma crise pessoal. O desafio para o leitor é que ele se permita conhecer e viver a sua Fé. Fé esta que não tem nada a ver com ideologias ou segmentos ou religiões.

O fundamento do conhecimento humano caracteriza-se pela investigação da realidade, onde nos deparamos com o que transcende a experiência sensitiva: o sujeito não só procura uma solução ou cura, ele quer ser salvo. E este processo deve ocorrer por meio da reflexão a respeito da primazia do ser, que se intercala com uma ciência que evite o psicologismo e que se abra para o mistério da graça.

Neste sentido, compartilho o aprendizado por entender que a racionalidade tem seus limites de comprovação e a vida subjetiva em que todos os seres humanos são imersos é parte integrante do sujeito. Quando se leva a sério a dimensão do sagrado, não será menos científica a abordagem deste sujeito, mas será mais integral e humana. A Fé é o que não se vê, mas se sabe que está e se crê.

Alexandre Schlegel

Apresentação

Quem somos nós? Por que temos nossas crenças? Como vivemos e como gostaríamos de viver? Os problemas essenciais da existência e da realização humana não se reduzem ao conhecimento acadêmico, nem tampouco aos manuais explicativos e descritivos de como é um ser humano. O avanço do saber - este a cada dia mais especializado - e o mistério e a perplexidade sobre as verdades e inverdades estabelecidas pelo homem causam uma conduta instável diante de nossos semelhantes e do meio em que vivemos. O que sabemos sobre nós?

O intelecto indica o rumo, porém não põe em movimento a ciência - conjunto de conhecimento adquirido e transmitido que não chega a saciar as dúvidas do homem; os avanços tecnológicos e a globalização possibilitam soluções de diversos problemas, mas não definem o início ou o fim de nossa humanidade. A subjetividade, na qual vivemos imersos, é tão verdadeira quanto o mundo objetivo no qual interagimos. A relação mais sincera, traiçoeira e determinante de um ser humano é a que ele mantém consigo mesmo, no seu mais íntimo interior.

Quando mentimos para nós mesmos o tempo todo somente consideramos argumentos que sustentam esta mentira. O ser humano, em geral, tem uma opinião própria de si mesmo e esta quase nunca coincide com os seus defeitos e/ou qualidades.

Quando se engana a si mesmo e aos outros, a dimensão do que une as pessoas é perdida, impossibilitando, assim, a convivência social entre elas. O problema é que as mentiras contadas a si mesmo e a outras pessoas não são identificáveis facilmente. É necessário, por isso, avaliar todos os caminhos que levam até as mentiras. Somente assim, pode-se ajudar a encontrar a origem de grandes vitórias e alegrias, como também sofrimentos que, na maioria das vezes, é causado a si próprio e às pessoas com as quais mais se convive.

Sobreviver, procriar, criar seres humanos, relacionar-se, são exigências que ultrapassam o domínio psicobiológico, socioeconômico e a capacidade lógica de compreensão que o homem tem de si mesmo.

Várias respostas já foram dadas às inúmeras dúvidas e mazelas que afetam o ser humano, desde a sua criação até a atualidade. Essas respostas permeiam sempre as dimensões do Sagrado e do Lógico.

A dimensão do Sagrado está na essência da existência humana. Mas não há como deduzir esta experiência verdadeira, vivenciada de forma singular ou mesmo coletiva, por meio do caminho racional. Não quero dizer com isto que os avanços obtidos no campo da ciência e da tecnologia não são importantes - pelo contrário -, são indispensáveis para a humanidade.

Esta realidade espiritual e sagrada - misteriosa para muitos - foi oferecida ao homem desde os primórdios de sua existência até a atualidade. Convido-o a dar comigo um passo a mais no caminho que nos conduz a Deus, e assim fazer um pouco mais por nós, por nossos semelhantes e pelo meio no qual convivemos.

O que devemos fazer com as milhares de evidências de planejamento inteligente, harmonioso, sincronizado, sinérgico, infinitamente lindo, maravilhoso, da terra, do céu e do corpo humano? Não podemos simplesmente ignorar todo este legado somente por serem exigidas explicações racionais. Ou viemos à existência por um propósito ou por um acidente. Somos um produto de Deus ou do acaso. *Não há terreno neutro*. A lógica do raciocínio humano exige, súplica, clama por um Criador para explicar o Universo e as obras contidas nele, como, também, a criação do homem. Será que tudo isso surgiu por si só? É necessário um ato de libertação para poder enxergar o que sempre esteve - desde o princípio da humanidade - nas criações intelectuais, artísticas e tecnológicas desenvolvidas pelo homem, e que raramente foi reconhecido como essência do Sagrado, mas, sim, como da existência humana. A astúcia sempre caiu perante a verdade. É tempo de revê-la.

Tenho a humildade e a pretensão de apresentar um ponto de vista sobre as questões daqueles que buscam ajuda e daqueles que se disponibilizam a ajudar. São essas questões que levam o ser humano a tentar entender onde está o defeito, o erro, o pecado cometido, o porquê de tanto sofrimento e como se libertar do sentimento de incapacidade, de desânimo, que toma conta do indivíduo e de seu próximo.

Durante as seções de aconselhamento noto que busco uma subjetividade ao ouvir, a qual não existia antes. Essa subjetividade, com certeza, está intimamente relacionada à fé.

Gianetti, Eduardo nos aponta que: Ler é recriar... e é o que espero da pessoa que lerá este livro. A palavra final não é dada por quem a escreve, mas por quem a lê. O diálogo interno mantido por quem escreve é a semente que frutifica, ou definha, no diálogo interno do leitor consigo mesmo. O resultado é imprevisível. Entendimento absoluto não há, mas também temos que cuidar com o mal-entendido. Afinal, um texto pode ser o início de algo mais criativo e valioso para o homem. Se isto acontecer, siga em frente. Pensando além do óbvio.

PREFÁCIO

A verdade do Ser emerge de dentro do ser de cada ente. O Ser é aquele que é sempre maior que qualquer compreensão. Dentre a multiplicidade de entes no universo e no mundo da vida, o ente humano é o ápice da criação e a evolução cultural de sua história o atesta. A compreensão de si é a própria compreensão do sentido, alvo de toda a vida, que se dá pela própria consciência. Toda a criação, conforme a poesia sagrada dos Salmos, intrínsecas e inconscientemente louva ao Ser criador enquanto vive sua própria essência de ser, segundo a eterna repetição por suas formas ontológicas originais, uma vez que toda a natureza é o próprio corpo de Deus.

O ser humano, entretanto, como ser espiritual, de transcendência pela consciência, possui a liberdade de buscar compreender. Desta forma, pela compreensão de si mesmo compreende também a Deus, uma vez que a *Ideia* deste, como *Imago Dei*, encontra-se no fundo da alma mesma de cada ser humano, uma vez que é criado “à sua imagem e semelhança” (Gn 1.26). Portanto, se tem razão o filósofo, Sócrates, em tomar a máxima délfica como ética geral ao pro- por “Conhece-te a ti mesmo”, mais razão ainda o teólogo, Agostinho de Hipona, ao invocar o conhecimento de Deus a partir de dentro do si mesmo, quando propõe a meditação de que “Todo encontro com Deus é um encontro consigo mesmo”. Logo, Deus, enquanto a Verdade, fala do coração humano.

A verdade que emerge do interior do ser mesmo, então, é em si transcendente, pois transcende o discurso do próprio ego e os discursos vigentes no mundo humano. A escuta de si, portanto, é o critério para o alcance da verdade em si. E, como já se disse, se a verdade divina é também conhecida a partir da verdade do ser humano, enquanto autenticidade consigo mesmo e com os outros seres vivos e humanos, mais razão ainda tem a pensadora alemã judia e cristã, Edith Stein, na sua assertiva de que “Quem busca a verdade, busca a Deus; sabendo-o ou não”. Desta forma, de fato, como disse Paulo, é possível, e desejável, escutar-se o “testemunho” do “Espírito no espírito” (Rm 8.16).

Todas estas colocações são muito bem-postas por Alexandre Schlegel em *Fé e Ciência em Busca da Verdade*, a partir de sua própria experiência de escuta da subjetividade humana, a que dá maior credibilidade ainda a sua obra aqui apresentada.

O próprio autor atesta isto, em sua experiência de vida pública em psicologia e fé, quando diz, logo na Apresentação: “A subjetividade, na qual vivemos imersos, é tão verdadeira quanto o mundo objetivo no qual interagimos”. E em seguida, que, “Durante as seções de aconselhamento noto que busco uma subjetividade ao ouvir, a qual não existia antes. Essa subjetividade, com certeza, está intimamente relacionada à fé, que é dom de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, os quais estão comigo hoje e para sempre”. Portanto, de fato, este livro busca mostrar aspectos importantes do diálogo entre Fé e Ciência na busca da Verdade, a qual esperamos que todos alcancem.

*Com votos de pleno êxito,
Prof Dr Ocir de Paula Andreato*

Palavras do Sr Edson Luiz Campagnolo – Industrial

Quando fui convidado a escrever o prefácio deste livro, tive um misto de felicidade e preocupação. É muita responsabilidade, porque livros são para uma “eternidade”. Quem de nós, quando pequenos, não ficava na casa de nossos avós mexendo em baús, guardarroupas, às vezes no sótão, e encontrava livros antigos, escritos de forma diferente do que escrevemos hoje, “*pharmacia*” em vez de farmácia?

Escrevendo isso, o que quero dizer é que aqueles que escrevem têm que se preocupar, sim, com qual mensagem querem deixar, já que uma leitura pode influenciar uma pessoa a ponto de ela mudar a maneira de viver. Nós, cristãos, buscamos a resposta na maioria das vezes na Bíblia. Encontro nela a nossa verdade. E esse livro foi escrito há quantos anos? Mesmo assim, usamos nos dias atuais.

Temos tantas perguntas sobre a vida, sobre o mundo, e o Alexandre quer apresentar um ponto de vista: como o jovem deve se comportar diante de tantos “porquês”. Deus nos deu o livre arbítrio de escolhermos o nosso caminho, mas temos dúvidas se o “nosso” caminho é o certo.

O homem sempre busca a felicidade, e nós escolhemos ser feliz ou não. Tudo o que fazemos tem consequências. Se fizer algo bom para a comunidade, vou colher um bom relacionamento. Só eu sou responsável pelos meus atos.

No livro, o Alexandre trata do político, do líder servidor, de como posso fazer algo para melhorar a vida das pessoas. E nós podemos fazer algo mesmo não sendo líderes. Mesmo sendo operacional, temos que ter este pensamento sempre: o que posso fazer para melhorar a vida dos outros? O que posso fazer pelo outro? Tudo depende de nós, inclusive ser feliz ou não.

“Meu objetivo de vida é ajudar as pessoas a encontrar uma relação pessoal com Deus, que creio vir pelo conhecimento de Cristo.” A frase é do evangelista Billy Graham e, citando-o, falo em nome de todos os missionários espalhados pelo mundo. Assim como Paulo, que quando chegava nas cidades ajudava na organização das mesas, nos templos de hoje os missionários muitas vezes dividem o pouco que ganham com aqueles que ouvem a palavra de Deus. Dividem o teto, a comida.

Também concordo com o Alexandre: devemos ensinar nossos jovens. É mais fácil ensinar o novo do que mudar os costumes antigos.

Ao encerrar, quero destacar a Carta à Igreja de Éfeso, descrita no livro de Apocalipse: *“Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua perseverança”* (Ap 2:2). Quais obras você deixa em seu caminhar? Como é seu andar, seu exemplo no mundo do nosso Deus? Deixo para você responder.

Fique na Paz

Edson Luiz Campagnolo - Industrial

Se quiser adquirir um exemplar, entre em contato pelo whatzap.

Informe a quantidade de exemplares, o endereço para o ser enviado;

O valor do Livro é de R\$ 45,00 + o valor do frete.

Obrigado!